

A INDEPENDÊNCIA DAS COLÔNIAS

Maurício Waldman

Da mesma forma que a implantação do sistema colonial na América não acatou um modelo único, distinguindo-se colônias de povoamento e colônias de exploração, também temos processos distintos de emancipação política consoante o passado e as características da colonização das futuras nações independentes da América. Assim, é necessário diferenciar os processos de independência em duas grandes vertentes:

A Independência Americana: originando os Estados Unidos, declarada em 1776 enfrentando forte oposição militar da metrópole britânica;

A Independência da América Latina: processo que se inicia em 1794 com o levante generalizado dos escravos do Haiti, país então dominado pela França.

Vejamos primeiramente o caso norte-americano para depois passarmos à América Latina.

A INDEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS

As chamadas Treze Colônias da América do Norte foram as primeiras a romper os laços coloniais, fato este embasado principalmente no desenvolvimento econômico da região centro-norte destas antigas possessões da Inglaterra. Obviamente influenciou na independência americana o fato das Treze Colônias terem por núcleo uma colônia de povoamento, um modelo muito diferente do caso latino-americano, baseado nas colônias de exploração.

Nesse território a colonização foi implementada tendo por base a pequena propriedade e o predomínio do trabalho livre. Sua base econômica, voltada para o atendimento das suas próprias necessidades, assegurava-lhe a independência e um isolamento da política mercantilista. Deste modo, a região foi conquistando feições próprias nos mais diversos ângulos, amalhando força suficiente para enfrentar e dismantelar o pacto colonial.

A expansão comercial desta região granjeou-lhe rapidamente privilegiada posição, acelerada com o estabelecimento das famosas rotas triangulares de comércio. Neste esquema o rum processado na Nova Inglaterra era trocado por escravos na África, os quais eram trocados nas Antilhas por melaço, essencial fabricação do rum.

Por outro lado, preso a uma monocultura predominantemente escravista, o Sul das Treze Colônias subordinava-se ao mercado externo. Correspondia, portanto, à região onde mais se fazia sentir a dependência para com a Inglaterra. O engajamento desta região no processo de emancipação política tornou-se possível na medida em que a proclamação régia de 1763 impedia o avanço da monocultura sulista na direção do oeste, afetando os interesses dos latifúndios sulistas e indispondo-os com os britânicos.

De qualquer forma é útil lembrar que a base social da revolução americana foi a burguesia comercial do centro-norte, cujos anseios econômicos confrontavam-se com os da metrópole. Os atritos com a Inglaterra irrompem após a guerra dos Sete Anos (1756/1763), quando a coroa inglesa decide fazer valer das suas prerrogativas de metrópole por intermédio de diversas leis, das quais as mais importantes foram:

Lei do Açúcar (Sugar Act, 1764), que privilegiava o açúcar proveniente das Antilhas e aumentava a lista dos produtos que deveriam ser colocados com exclusividade no mercado londrino. Era um rude golpe no comércio triangular;

Lei do Selo (Stamp Act, 1765), impondo a selagem obrigatória em toda a correspondência interna da colônia, fato entendido como uma afronta às assembleias locais, que tradicionalmente decidiam a respeito de assuntos tributários.

Tais leis foram revogadas, sem que, no entanto a Inglaterra desistisse dos seus propósitos. A coroa inglesa voltou a carga com a **Lei do Chá (1773)** que garantia o monopólio da comercialização do produto nas Treze Colônias para a Companhia das Índias Orientais. Os comerciantes de Boston, inflamados pelo gesto britânico, invadem e destroem toda a carga de chá existente nos navios da companhia (*The Boston Tea Party*), acendendo o pavio da revolução.

Os delegados das Treze Colônias reúnem-se no Primeiro Congresso de Filadélfia (1774), procurando um acordo com a metrópole. Não sendo conseguido o consenso, o Segundo Congresso de Filadélfia (1775) decide-se pela independência, dando a George Washington todos os poderes para iniciar a separação.

Os colonos, unidos pelos ideais iluministas e decididos a liquidar com a dominação britânica, terminam por esmagar as forças da metrópole em 1781, em Yorktown, contando com o auxílio da França, que lhes enviara um corpo militar de 6.000 homens comandados pelo Marquês de La Fayette e de voluntários de várias partes do mundo, caso do grande herói polonês Tadeusz Kościuszko.



George Washington (à direita), recebendo a rendição das forças inglesas em Yorktown.

Os Estados Unidos surgem assim como a primeira nação americana independente. Foi igualmente a primeira quebra no pacto colonial e o primeiro triunfo do iluminismo nas Américas.

A INDEPENDÊNCIA DAS COLÔNIAS LATINO-AMERICANAS

Na América Espanhola, como já sabemos, a colonização acatou o modelo mercantilista propriamente dito, qual seja, implantando colônias de exploração. Deste modo, foi gerada uma economia voltada para o mercado metropolitano, e na sequência, caracterizada pela interferência permanente da metrópole na economia colonial.

Enquanto o mercantilismo permanece enquanto a grande corrente do sistema capitalista, não ocorre contestação ao pacto colonial. No entanto, com a revolução industrial inglesa e o estabelecimento da livre-concorrência (Liberalismo), as normas mercantilistas passam a ser contestadas tanto no plano econômico quanto nos marcos das ideias. Por sua vez, a elite *criolla*, formada por latifundiários descendentes de espanhóis, passam a observar no monopólio comercial espanhol um entrave para o seu progresso econômico.



O império espanhol na América incluía a maior parte da atual América Latina e vastas regiões dos EUA.

A Inglaterra, berço da revolução industrial, transformou-se numa verdadeira tutora dos movimentos de libertação, pois o seu interesse em abrir novos mercados para os produtos da sua indústria necessariamente conduziu uma política de apoio à emancipação latino-americana.

Deste modo, observa-se que as ideias iluministas, que na Europa serviram à ascensão da burguesia, tornaram-se, por sua oposição ao absolutismo, o instrumento teórico das independências coloniais. Finalmente, outro dado significativo foi o estímulo e o exemplo da independência das colônias americanas da Inglaterra, as primeiras a se desligarem de uma metrópole europeia.

O processo de emancipação engendrou a figura legendária do *Libertador*, quase sempre um membro da aristocracia rural educado na Europa, onde absorveu os ideais do iluminismo. San Martín (o libertador da Argentina) e Simón Bolívar (libertador da Venezuela, da Colômbia e do Equador) exemplificam este personagem histórico.



Encontro entre Bolívar e San Martín em Guayaquil, Equador, em 1822.

Além dos *criollos*, a luta pela independência projetou no cenário político as massas negras, indígenas e de mestiços. A elite *criolla* manipulou os grupos socialmente marginalizados como massa de manobra, submetendo-os após a independência a uma nova situação de hegemonia, sob sua direção.

É importante assinalar que a independência política da América Espanhola não rompeu com os marcos econômicos da dependência com o exterior. Nesse sentido, a autonomia acima de tudo significou abertura de mercado para a Inglaterra, sem que a sistemática de extração e concentração do excedente econômico na Europa fosse contestado.

Portanto, não temos uma autêntica independência, já que economicamente as novas nações continuaram dependentes e fornecedoras de minérios e de gêneros tropicais. A Inglaterra perpetua-se na função de fonte de bens manufaturados, apoiando a aristocracia rural. Esta passa a monopolizar os cargos públicos e administra o aparato de Estado em causa própria, tal como se tratasse de um gigantesco latifúndio.

Na prática, a independência foi um *ato conservador*, pelo qual os *criollos* assumem o poder sem questionar um modelo de dominação internacional, que se mantém centrado nos países do Hemisfério Norte. Deve ser lembrada a exceção formada pelo Paraguai, único país latino-americano que após a independência procurou criar um modelo de Estado, sociedade e economia livres da tutela britânica.

Por fim, note-se que o Haiti - primeira república negra do mundo - apesar de ter encabeçado a luta pela independência na América Latina, enfrentou forte oposição da Europa e dos próprios EUA. Os escravistas europeus e dos EUA, inconformados com a radicalidade do processo haitiano, impuseram ao país um duro bloqueio econômico por 60 anos, com graves sequelas para sua economia e sociedade.

A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Da mesma forma como na América Espanhola, a independência brasileira resultou da luta da aristocracia rural visando o estabelecimento de relações diretas com a nova metrópole do sistema capitalista: a Inglaterra. Dessa forma a autonomia brasileira igualmente constituiu um ato conservador, que não se propunha a questionar vínculos de dependência. Acima de tudo, assegurava a manutenção da unidade territorial necessária ao sistema produtor escravista.

Contrariamente ao que aconteceu na América Espanhola, a participação popular foi menos expressiva. Outra diferença foi o regime - a monarquia absoluta - cujo estabelecimento originou-se da necessidade de manter o escravismo e a unidade territorial. Destaque-se que o regime político adotado afastou o Brasil das demais nações latino-americanas e fundamentou conflitos futuros com as nações da Bacia da Prata.

Em suma, temos em 1822 a coroação do primeiro “imperador tropical” brasileiro, soberano de um território cuja bandeira manteve inclusive o losango amarelo, símbolo da Dinastia dos Habsburgos e o retângulo verde, símbolo da Casa de Bragança. Tudo isso reafirmando o caráter conservador da proclamação da independência.



Bandeira do Brasil Império, mantendo cores e simbologias absolutistas e do antigo poder colonial

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOWBOR, Ladislau, 1981, *A Formação do Terceiro Mundo*, Coleção Tudo é História n ° 35, Editora Brasiliense, São Paulo, SP;

KINDER, Hermann e HILGEMANN, Werner, *Atlas Histórico Mundial*, 1975, Colección Fundamentos, Ediciones Istmo, Madri, Espanha;

NOVAIS, Fernando, 1978, *Estrutura e Dinâmica do Antigo Sistema Colonial*, Cadernos CEBRAP, n° 17, 4ª edição, Editora Brasiliense, São Paulo, SP;

POMER, Leon, 1980, *A Guerra do Paraguai – A Grande Tragédia Rioplatense*, Coleção Passado & Presente, n° 7, Editora Global, São Paulo, SP;

POMER, Leon, 1981, *As Independências na América Latina*, Coleção Tudo é História, n° 123, Editora Brasiliense, São Paulo, SP;

AUTORIZADA A CITAÇÃO E/OU REPRODUÇÃO DESTE TEXTO DESDE QUE INDICADA A MENÇÃO BIBLIOGRÁFICA:

WALDMAN, Maurício, *A Independência das Colônias*, in História para o Ensino Fundamental, material didático elaborado para a Escola de Ensino Supletivo Papi, São Paulo, SP, 1981.

PUBLICAÇÕES DO MESMO AUTOR

LIXO: CENÁRIOS E DESAFIOS, CORTEZ EDITORA, 2010

Saiba mais: <http://www.lojacortezeditora.com.br/lixo.html>

MEMÓRIA D'ÁFRICA - TEMÁTICA AFRICANA EM SALA DE AULA, CORTEZ EDITORA, 2007

Saiba mais: <http://www.lojacortezeditora.com.br/cortez-902.html>

MEIO AMBIENTE & ANTROPOLOGIA, EDITORA SENAC, 2006

Saiba mais: http://books.google.com.br/books/p/senac?id=z4ns-luC4LwC&dq=Meio+ambiente+%26+antropologia&hl=pt-br&source=gbs_summary_s&cad=0

MAURÍCIO WALDMAN - INFORMAÇÕES PORMENORIZADAS

Home-Page Pessoal: www.mw.pro.br

Biografia Wikipedia English: http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Currículo no CNPq - Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>